



PENSAMENTO GEOPOLÍTICO LATINO-AMERICANO

John Child

Geopolítica como abordagem de assuntos político-militares foi de considerável importância até o final da II Grande Guerra, quando declinou em respeitabilidade e prestígio devido à sua correlação com as teorias nazistas de conquista do mundo. Em consequência disso, muito pouca literatura militar ou sobre estratégia, nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, desde a II Guerra Mundial tem sido rotulada "de geopolítica", embora possa trazer no contexto vários dos conceitos englobados pelo termo dos anos que antecederam a 1945. Todavia, bastante interessante é que a idéia acha-se viva e tem boa aceitação na América Latina, especialmente nos países do Cone Sul (Argentina, Brasil e Chile) onde os pensamentos e trabalhos escritos mais férteis relativos à geopolítica vêm se desenvolvendo nos últimos trinta anos.

Na sua acepção mais simples, geopolítica pode ser definida como a ciência da relação da política com a geografia. Entretanto, tal definição, que nada mais é realmente do que a de "geografia política", deixa de abarcar todo o domínio e o tempero da geopolítica, que inclui o relacionamento entre a geografia e a estratégia militar, o desenvolvimento do poder nacional, o expansionismo e o imperialismo. Na década de trinta, também a geopolítica tornou-se associada a poder político e especificamente à escola germânica de "Geopolitik", liderada⁽¹⁾ por Karl Haushofer, que forneceu as convenientes bases intelectuais para os sonhos hitleristas da destinação global alemã. Geopolítica na acepção dos escritores contemporâneos latino-americanos, naturalmente, rejeita este aspecto da escola alemã, mas em geral aceita o conceito básico do estado como um organismo vivo que responde às pressões geográficas, políticas, militares, econômicas, demográficas e psicológicas em sua luta pela sobrevivência na competição com os outros estados.

A significância do pensamento geopolítico latino-americano como uma estrutura intelectual para relações internacionais e desenvolvimento nacional torna-se mais evidente quando, numa análise mais acurada, constata-se que a maioria de seus adeptos são militares. Dado o histórico papel político desempenhado pelos militares na América Latina, particularmente no Cone Sul, é evidente que o estudo do pensamento geopolítico da área pode trazer valiosa compreensão das percepções nacionais e internacionais desses militares.

A ESCOLA BRASILEIRA

A mais notável escola latino-americana de pensamento geopolítico é a brasileira, tanto por seu produto imaginativo e frutificativo como pelo fato de seus conceitos haverem sido incorporados na política de desenvolvimento nacional e nas relações internacionais do Brasil. Sustando devastador movimento subversivo, a obtenção pelo Brasil do "status" de potência mundial na próxima ou em duas gerações afigura-se uma clara possibilidade e séria, em não menor escala, devido à influência de seus pensadores geopolíticos. Os maiores pontos de convergência do pensamento geopolítico brasileiro são: a vinculação dos conceitos de "segurança" e "desenvolvimento" que se transformam então na "terceira missão" das forças armadas (sendo as duas primeiras as clássicas defesa contra um invasor convencional e a insurreição armada); a integração de todo o território nacional; a "marcha para o Oeste" rumo ao coração da Amazônia; a segurança do Atlântico Sul e interesses nos estreitos do Atlântico, na África Ocidental e Antártica; a falta de acesso do Brasil às fontes de energia e recursos naturais; a rivalidade com a Argentina na bacia do Rio da Prata; e a busca do "status" de grande potência (grandeza).

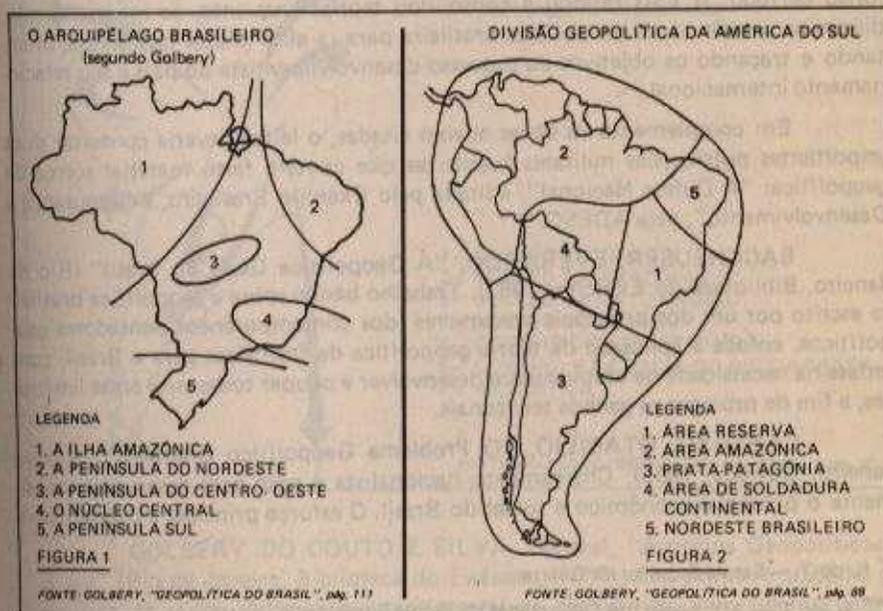
O pensamento geopolítico brasileiro recebeu seu primeiro impulso com o trabalho original do Coronel do Exército (mais tarde Marechal) Mário Travassos na década de 1930⁽²⁾, o qual argumentava dever o Brasil desenvolver-se (tanto interna como internacionalmente) ao longo de um eixo Leste-Oeste (Brasil longitudinal) em vez de simplesmente ao longo da costa do Atlântico. Concentrava-se ele nestes dois eixos: um conduzindo à bacia amazônica e outro apontando na direção do centro do "triângulo mágico" formado pelas cidades bolivianas de Cochabamba, Sucre e Santa Cruz. Em assim procedendo, o Brasil poderia conter a dominação Argentina da bacia do Prata, do estado tampão do Paraguai e da Bolívia.⁽³⁾ Somente "projetando-se" nestas duas direções poderia o Brasil cumprir sua "destinação continental". Posteriormente, Travassos lutou com a FEB na II Guerra Mundial e retomou à ECEME* onde influenciou as gerações futuras de pensadores geopolíticos no Brasil. Um contemporâneo de Travassos foi Everardo Backheuser, que defendia precisar o Brasil ocupar e desenvolver efetivamente todas as suas regiões de fronteiras, a fim de consolidar os ganhos territoriais obtidos pela diplomacia do Barão

* N. do T. — Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

de Rio Branco, considerado por muitos o principal precursor dos modernos geopolíticos brasileiros.

A primeira figura contemporânea é o General Golbery do Couto e Silva, assessor imediato de todos os presidentes-brasileiros desde a Revolução de 1964, ex-chefe do Serviço Nacional de Informações e por um longo período membro do corpo permanente da ESG. * * Golbery advoga que o Brasil deve progredir de maneira ordenada, do controle de seu próprio território para a projeção continental e influência internacional, valendo-se dos seguintes princípios geopolíticos: (4) integração nacional e efetivo uso do espaço; expansão interior e projeção externa pacífica; manutenção das atuais fronteiras; participação na defesa da civilização ocidental; colaboração continental; cooperação com o mundo em desenvolvimento; e adoção de uma geo-estratégia nacional em face dos dois grandes centros de poder externo.

Golbery vê o Brasil (figura 1) como um arquipélago constituído de uma série de ilhas e penínsulas (incluído o "porta-aviões do Nordeste") que deve se interligar efetivamente para assegurar o desenvolvimento nacional do interior do país. Concebe a área de Mato-Grosso-Paraguai-Bolívia como o núcleo da "zona de soldadura" que deveria ficar sob o controle brasileiro de modo a permitir ao Brasil a exercer o seu predestinado papel continental (figura 2). Em termos internacionais, Golbery vislumbra a necessidade de associação (mas não subordinação) com os Estados Unidos, a quem pode ofertar recursos naturais, o "porta-aviões do Nordeste" e o apoio brasileiro na preservação do Atlântico Sul. Contrabalanchando os focos continentais básicos de Travassos, Backheuser e Golbery, outros geopolíticos têm



acentuado a necessidade do Brasil adotar um pólo de atração marítima para atingir seu merecido lugar como potência do Atlântico Sul. Delgado de Carvalho estudou o papel do Brasil no Atlântico Sul e Terezinha de Castro deu um passo mais à frente, sustentando que também o Brasil possui um legítimo papel geopolítico a exercer na Antártica.⁽⁵⁾ Não surpreendentemente, os oficiais da Marinha Brasileira apóiam intensamente esta faceta do pensamento geopolítico.

Como declarou o Contra-Almirante Freitas, "o destino do Brasil, desde o tempo de sua descoberta, tem estado na dependência do mar e, no futuro, o país terá de ser uma potência marítima se espera tornar-se potência mundial".

Os autores atuais enfatizam o uso equilibrado das correntes geopolíticas na busca racional pelo "status" de grande potência. O General Meira Mattos, cujo recente livro sumariza e aprecia as principais correntes do pensamento geopolítico brasileiro⁽⁷⁾, assevera que, se o Brasil pretende tornar efetiva sua destinação como potência continental e mundial, deve integrar seu próprio território, exercer seu merecido papel de defender o continente americano, colocar o estratégico Nordeste à disposição de seu aliado Estados Unidos e constituir-se num fator de segurança para o Atlântico Sul e a África Ocidental.

Além da importante contribuição dos pensadores e escritores individualmente cumpre salientar a dada, de forma sem paralelo, pela ESG — a "escola que mudou o Brasil" com que participação especial, quer como instituição acadêmica militar quer na qualidade de laboratório de idéias nacional. Todos os pensadores geopolíticos ou estrategistas do Brasil foram professores ou conferencistas dela por longo período. A ESG refinou e consolidou teorias enquanto, ao mesmo tempo, dissemina a essência da geopolítica brasileira para a elite militar-tecnocrata, orientando e traçando os objetivos do processo desenvolvimentista do país e seu relacionamento internacional.

Em complemento às obras abaixo citadas, o leitor deveria consultar duas importantes publicações militares brasileiras que contêm farto material acerca de geopolítica: "A Defesa Nacional", editada pelo Exército Brasileiro, e "Segurança e Desenvolvimento", pela ADESG. ** *

BACKHEUSER, EVERARDO, "A Geopolítica Geral do Brasil" (Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1952). Trabalho básico sobre a geopolítica brasileira escrito por um dos principais precursores dos contemporâneos pensadores geopolíticos, enfoca a aplicação da teoria geopolítica de fronteiras para o Brasil, com ênfase na necessidade de efetivamente desenvolver e ocupar todas suas áreas limítrofes, a fim de proteger os ganhos territoriais.

CARTAXO, OTACÍLIO, "O Problema Geopolítico Brasileiro" (Rio de Janeiro, Ouvidor, 1965). Chamamento nacionalista à ação para desenvolver totalmente o potencial econômico e social do Brasil. O esforço principal é o desenvolvi-

** N. do T. — Escola Superior de Guerra.

*** N. do T. — Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra.

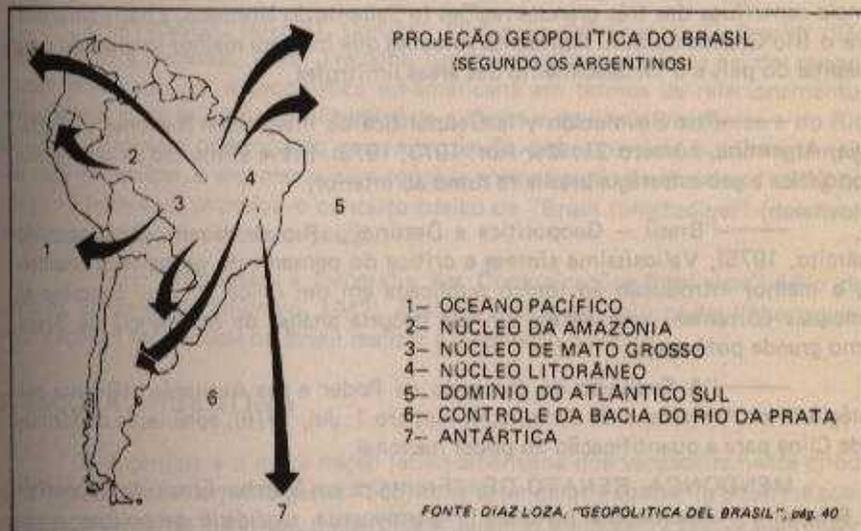
mento do interior do país e da região Nordeste. Traça uma analogia entre a expansão para o Oeste, do século dezanove nos Estados Unidos e o "problema geopolítico brasileiro" (o interior vazio).

CASTRO, TEREZINHA DE, "Antártica — Assunto do Momento" (Revista do Clube Militar, 1958). Formula o caso brasileiro para desempenho de papel geopolítico na Antártica. Prova que o Brasil não deve aceitar o Tratado Internacional da Antártica por impedi-lo de exercer seu legítimo papel estratégico naquela área.

———"Estudos de Geo-História" (Rio de Janeiro, Distribuidora Record, 1972). Aborda os correntes eventos, estabelecendo ligação entre a história e a geopolítica.

FLORES, MÁRIO CÉSAR, CMG, "Panorama do Poder Marítimo Brasileiro" (Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1972). Antologia na qual a maioria dos autores são oficiais da Marinha Brasileira. Ênfase maior é dada à importância econômica e estratégica do mar para o desenvolvimento do Brasil. Contém defesa violenta do direito ao mar de 200 milhas do Brasil.

FREITAS, PAULO, Contra-Almirante, "Uso del Mar" (Estratégia, Argentina, números 34-35, Mar-Ago, 1975). Analisa o papel do Brasil como potência naval do Atlântico Sul.



GOLBERY DO COUTO E SILVA, General, "Aspectos Geopolíticos do Brasil" (Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1957). Seu primeiro trabalho geopolítico de vulto. Apresenta a teoria geral de geopolítica, com algumas análises

específicas dos problemas de integração nacional do Brasil e a necessidade de expansão para a bacia amazônica.

——— "Geopolítica do Brasil", 2ª edição (Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1967). A única obra mais importante sobre geopolítica brasileira. Numa série de ensaios claros e sistematicamente apresentados, expõe todos os capitais princípios de seu pensamento político.

ILTON BERUTTI, A. MOREIRA, Vice-Almirante, "Vamos Falar do Mar" (Segurança e Desenvolvimento, número 135, 1970). Estuda o valor geopolítico do mar para o Brasil.

LIMA, S.E. DE OLIVEIRA, "O Despertar de um Continente" (Brasília, Editora de Brasília, 1975). Vale-se da análise geopolítica para defender a integração subregional sul-americana sob a liderança do Brasil. Apresenta seu "princípio de desenvolvimento bi-nuclear", consistindo de um eixo entre dois núcleos desenvolvimentista (o primeiro é o Brasil e o segundo o pólo perúvio-chileno na costa do Pacífico). Tal eixo iria preencher o vácuo do coração sul-americano. Nega que o Brasil procure obter hegemonia sobre a América do Sul e minimiza a rivalidade argentino-brasileira.

MEIRA MATTOS, CARLOS DE, General, "Aspectos Geopolíticos de Nosso Território", (Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, Jan-Fev, 1952, pp. 48-49). Sucintamente define os maiores problemas geopolíticos brasileiros em termos da tendência centrífuga das três grandes regiões (o Saliente do Nordeste, a bacia amazônica e o Rio Grande do Sul). Apresenta soluções que incluem melhor localização para a capital do país e o fortalecimento das áreas limítrofes.

——— "La Revolución y la Geopolítica de Integración Nacional", (Estratégia, Argentina, número 21, Mar-Abr, 1973, 1973). Breve afirmação da arremetida geopolítica e geo-estratégia brasileira rumo ao interior.

——— "Brasil - Geopolítica e Destino", (Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1975), Valiosíssima síntese e crítica do pensamento geopolítico brasileiro; a melhor introdução ao tópico publicada em um único volume. Examina as principais correntes, com ênfase em sua própria análise de emergência do Brasil como grande potência.

——— "A Evolução do Conceito de Poder e sua Avaliação" (Revista del Colégio inter Americano de Defesa, 4, número 1, Jul, 1976), apreciação da fórmula de Cline para a quantificação do poder nacional.

MENDONÇA, RENATO DE, "Fronteira em Marcha: Ensaio de Geopolítica Brasileira". Abordagem histórica à permanente rivalidade geopolítica entre Portugal/Brasil e Espanha/Argentina na bacia do Prata, desde o século dezesseis até nossos dias.

NERY DA FONSECA, LEOPOLDO, Coronel, "Geopolítica" (Rio de Janeiro, Bedeschi, 1940). Advoga um governo autoritário no Brasil, guiado por

princípios geopolíticos, de modo a alcançar o "status" de grande potência dentro de "vinte anos".

OLIVEIRA, JOSÉ CLÁUDIO DE, "Escola Superior de Guerra — um Laboratório de Idéias", (Segurança e Desenvolvimento, número 125, 1967). Típico artigo dos numerosos divulgados, explicando a significância da ESG no pensamento geopolítico brasileiro.

RICARDO, CASSIANO, "Marcha para Oeste" — (Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1942). Também publicado em Espanhol sob o título "La Marcha Hacia el Oeste" (México, Fondo de Cultura Económica, 1956). Análise histórica e geopolítica do valor dos "bandeirantes" no Brasil. Incita a uma contínua "marcha para o Oeste".

SHILLING, PAULO R. "Irà Brasil a la Guerra? (Montevideo, Uruguai, Fundación de Cultura Universitária, 1973). Usando idéias e trabalhos de geopolíticos brasileiros, desenvolve a tese que o Brasil é um "subimpério" aliado dos Estados Unidos. Retrata o Brasil pronto para invadir o Uruguai em busca de um império expandido. O autor era um jornalista e político brasileiro escrevendo do exílio no Uruguai.

———"La Lucha por la Amazônia y el Expansionismo Brasileño (Estratégia, Argentina, 33, Mar-Abr, 1975). Adverte sobre o expansionismo do Brasil como uma frente "subimperial" para os Estados Unidos.

TRAVASSOS, MÁRIO, Coronel, "Projeção Continental do Brasil" (São Paulo, Editora Nacional, 1935. Trabalho fundamental de autoria do pai dos geopolíticos brasileiros. Vê a geopolítica sul-americana em termos de relacionamento, antagônicos entre as nações do litoral Este e Oeste e da bacia amazônica e do Rio da Prata. Expressa preocupação com a expansão argentina pela Bolívia adentro, via rede ferroviária, e argumenta para contê-la com a ligação do Brasil ao "triângulo mágico" boliviano. Introduce o conceito básico de "Brasil longitudinal" (desenvolvimento ao longo do eixo Este-Oeste).

———"Introdução à Geografia das Comunicações Brasileiras" (Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1942). Aplica a análise geopolítica das linhas de comunicações à necessidade do Brasil realizar a integração nacional.

ALVES, JOSÉ
ANTONIO A. SILVA

A ESCOLA ARGENTINA

A Argentina é a outra nação latino-americana que verdadeiramente criou uma "escola" de pensamento geopolítico, considerando que apresenta doutrina coerente e possui raízes históricas, numerosos seguidores assim como exerce significativa influência na política doméstica e internacional do país. Desde 1969, o Instituto Argentino de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais (INSAR), sob a direção do General Juan E. Guglielmelli, vem editando a mais completa e sofisticada revista de grande penetração, sobre geopolítica, da América Latina (e possivelmente do mundo) — "Estratégia".

A característica fundamental da escola geopolítica argentina é sua obsessão para com o Brasil e percepção de um expansionismo brasileiro, particularmente na bacia do Rio da Prata, refletindo e estimulando assim a histórica rivalidade pela disputa da liderança e hegemonia no Cone Sul. Os trabalhos produzidos por essa escola são altamente fecundos, mas de certo modo, revelam-se menos criativos do que os da brasileira. Grande parte de seus estudos, na verdade, traduzem uma reação ao que é interpretado como intromissão brasileira na natural esfera de influência argentina. A geopolítica argentina tem também sido alvo de influências alienígenas, especificamente alemã. Os pensadores geopolíticos argentinos nas décadas de 1930 e 1940 seguiram exatamente as idéias de Karl Haushofer e seus discípulos. O argentino Atencio,⁽⁸⁾ em excelente análise das influências estrangeiras no pensamento geopolítico de seus patrícios, assinala que, enquanto o mundo atacava a "ciência nazista", não temiam ou relutavam eles em empregar a palavra "geopolítica" ou, até mesmo, "Geopolitik" na Argentina; de fato, defendiam muitos conceitos da escola alemã de geopolítica.

Os principais focos de atenção do pensamento geopolítico argentino dizem respeito à expansão e hegemonia brasileira; a aliança Brasil-Estados Unidos; ao papel da Argentina como líder do Cone Sul; à ênfase do poder marítimo (contrapondo-se à maior pressão continental do Brasil) no Atlântico Sul, objetivando a recuperação do controle das Ilhas Malvinas sob domínio britânico e cobertura das reivindicações argentinas na Antártica; à energia nuclear e a possibilidade de fabricação de armas atômicas especialmente na eventualidade do Brasil vir a ter armamento deste gênero; ao impacto no desenvolvimento nacional e nas relações internacionais da aparente incapacidade argentina de colocar ordem em casa.

Conforme mencionado acima, a pedra angular do pensamento geopolítico argentino é o problema brasileiro. O General Gulialmelli⁽⁹⁾ explica o longo processo histórico de expansão do Brasil iniciado com os "bandeirantes" portugueses, dando particular ênfase à diplomacia de Rio Branco de aprofundamento das "fronteiras naturais do Brasil"; o controle do Uruguai e do Paraguai; o enfraquecimento da Argentina e a substituição da Grã-Bretanha pelos Estados Unidos como principal aliado brasileiro. Mostra também enorme preocupação com a "doutrina Travassos" pela qual o Brasil desenvolver-se-ia ao longo de um eixo Leste-Oeste em direção à Bolívia, quebrando assim o natural eixo de comunicações Norte-Sul via Argentina.

Um conceito brasileiro que causa especial alarma entre os pensadores argentinos é a doutrina das "fronteiras vivas", originárias das idéias da escola alemã de geopolítica acerca da necessidade de "espaços vivos" ou *lebensraum*. Duas opiniões argentinas a este respeito são ilustrativas:

"(Para os brasileiros) uma região, zona ou área é vista como uma "fronteira viva" por várias razões (históricas, políticas, econômicas, de segurança etc.). Isto significa que, de uma forma ou de outra, dependendo do seu interesse nacional, deve ser desenvolvida ou, se não pertence ao país, precisa ficar sob a esfera de influência brasileira.⁽¹⁰⁾"

"A fronteira (assim os autores e especialistas em geopolítica dos países vizinhos afirmam) é uma força a serviço das contingências políticas, uma "isobárica" que estabelece o equilíbrio entre duas pressões. Este conceito indica claramente a extrema sensibilidade e importância que o Brasil atribui à sua tradicional política de demarcação de limites, a qual tem estado em evidência desde a violação do Tratado de Tordesilhas."

Tais preocupações com a expansão do Brasil pelas áreas fronteiriças adentro dizem respeito não somente com a penetração nos estados tampões do Uruguai, Paraguai e Bolívia, mas também com o próprio território nacional argentino, especialmente no vulnerável saliente de Misiones.⁽¹²⁾

Um outro aspecto significante da percepção geopolítica argentina sobre o Brasil é a natureza das relações brasileiras com os norte-americanos. Certo escritor argentino⁽¹³⁾ vê o Brasil como uma nação satélite dos Estados Unidos por questões de dependência. Os motivos disto são considerados essencialmente estratégicos, assim como econômicos: os EUA precisam do Brasil para estender suas linhas defensivas de Natal ao Cabo Horn; os EUA devem assegurar-se de que o Brasil jamais "tornar-se-á comunista"; pois tal eventualidade "ameaçaria o flanco Sul dos Estados Unidos e poderia atuar como detonador para uma revolução latino-americana da mesma natureza";⁽¹⁴⁾ e o Brasil acha-se dentro da esfera econômica norte-americana.

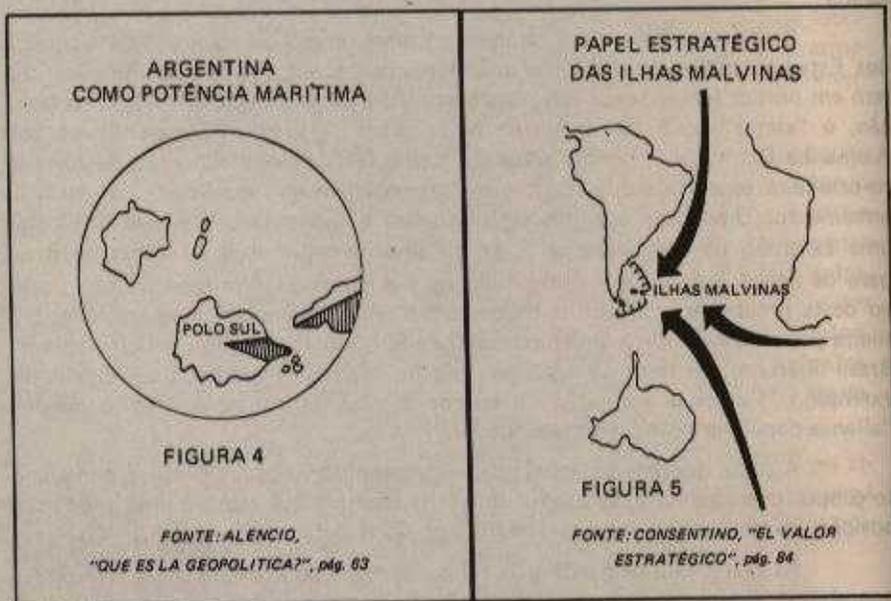
Este relacionamento é também encarado como um exemplo de estratégia dos Estados Unidos de selecionar determinados "países chaves" para se constituírem em pontos fortes da sua estrutura geopolítica de alianças; dentro de tal concepção, o "status" do Brasil como um país "chave" é também compartilhado pela Alemanha Ocidental, Formosa e outras nações.⁽¹⁵⁾ Uma iniciativa norte-americana-brasileira específica que acentua o "subimperialismo" do Brasil é a venda de armamento. Um autor argentino⁽¹⁶⁾ visualiza a indústria bélica brasileira como uma extensão da norte-americana, sendo ainda a exportação de armas do Brasil para os países vizinhos um outro fator de sua expansão. Um aspecto mais positivo desta preocupação argentina reside na busca de uma cooperação argentino-brasileira para um equilíbrio dinâmico no Cone Sul, sob a condição implícita de que o Brasil liberte-se dos laços de dependência com os Estados Unidos. Guglielmelli, por exemplo,⁽¹⁷⁾ colocou a questão em termos de uma confrontação estéril ou de uma "aliança para libertação" em bases cooperativas.

À parte das preocupações relativas ao equilíbrio com o Brasil, o pensamento geopolítico argentino representa uma forte corrente que tem em mira a merecida posição, no seu próprio entender, de líder no Cone Sul.

Às vezes, esta demanda pela liderança tem sido expressa em termos da responsabilidade especial argentina de preservação da paz e segurança no Cone e, outras, assume um tom mais estridente e agressivo, tal como o objetivo de Perón de criar uma "grande Argentina" no final dos anos quarenta.⁽¹⁸⁾ Como o Coronel Pinochet do Chile indicou em seu trabalho sobre geopolítica, a escola argentina sente que a posição geográfica daquele país o coloca fora da órbita das maiores potências

mundiais, propiciando-lhe assim liberdade de ação para exercer hegemonia no extremo sul do continente sul-americano.⁽¹⁹⁾ Uma outra perspectiva foi transmitida a este autor por categorizado general argentino, que explicou o atual domínio da bacia do Rio da Prata pela Argentina como sendo devido a "El Camino de la Naranja" (O Caminho da Laranja), pelo qual entendia ele que uma laranja (ou qualquer outra coisa) lançada em algum lugar na bacia do Prata devia mais cedo ou mais tarde flutuar além de Buenos Aires e, portanto, estar sujeita ao controle argentino.

O pensamento geopolítico argentino é muito mais orientado para o mar do que o brasileiro, concentrando-se especificamente nos seguintes temas: papel da Argentina como nação marítima devido à sua predominante função no que Atencio chama o "Hemisfério oceânico" (figura 4); responsabilidade especial argentina como elemento controlador em vários pontos chaves de entrada e saída para e do Atlântico Sul⁽²¹⁾; domínio argentino do acesso ao Estreito de Magalhães e Cabo Horn, que adquiririam crucial significado estratégica exercida pelas Ilhas Malvinas, fator que tem renovado a determinação argentina para recuperá-las do controle britânico (a figura 5 ilustra a concepção geopolítica argentina a respeito); importância estratégica presente e potencial do Atlântico e a necessidade da Argentina defender suas reivindicações na Antártica de violação por parte de outras nações interessadas naquela área.



Um campo de interesse relacionado intimamente com o pensamento geopolítico é o nuclear, onde a Argentina disputa de situação favorável em relação ao Brasil. A principal questão geopolítica é a decisão para fabricar um artefato explosivo. Gulialmelli expressa sua avaliação nos seguintes termos:

"Concluimos . . . que o Brasil decidiu produzi-la (uma arma nuclear). Pouco se sabe acerca do prazo, em outras palavras, ignoramos quando os trabalhos para desenvolvê-la começarão; o processo de fabricação levaria oito anos ou menos em consequência do acordo. Estes dois fatores — a decisão de produzir o explosivo nuclear e quando — constituem os pontos capitais para a Argentina, uma vez que o engenho atômico de nosso vizinho, se não for contrabalançado, terá um efeito notável e decisivo para nossa segurança." (22)

A bibliografia que se segue, embora extensa, omite muitos artigos interessantes contidos em "Estratégia" e o leitor desejoso de maiores informações deveria consultar todos os números deste periódico, desde o primeiro (maio-junho de 1969) até o presente, para ter completa visão dos ensaios argentinos sobre geopolítica.

ATENCIO, JORGE E. Coronel, "Que es la Geopolítica" (Buenos Aires, Editorial Pleamar, 1965). Fonte muito útil para conhecer as principais influências externas sofridas pelo pensamento geopolítico argentino. Ataca os autores norteamericanos dos anos quarentas que denunciaram severamente as obras geopolíticas alemãs. Vê a Argentina como a maior potência naval, em potencial, no Atlântico Sul e na Antártica.

BRASIL, MIGUEL ANGEL, "Bosquejo de Una Apreciación Geopolítica Argentina" (Estratégia 36, Set-Out 1975). Análise equilibrada da situação geopolítica argentina. Conclui que a primeira prioridade geopolítica do país deveria ser a integração nacional e a ordem interna.

BESSONE, JUAN E., "Ubicación Geopolítica de La República Argentina", (Revista de la Facultad de Ciencias Económicas, Comerciales e Políticas — Rosario, 52-53, Mai-Dez 1950). Defesa contundente das reivindicações de soberania argentina no Atlântico Sul, Malvinas e Antártica. Acentua a importância dessas áreas se o Canal do Panamá fosse fechado.

BIANCHI, A., "Análisis del valor Estratégico del Atlántico Sur". (Estratégia — 34-35 — Mai-Ago 1975). Inquietação argentina sobre o domínio do Atlântico Sul pelo Brasil.

BOSCOVICH, NICOLAS, "Um Proyecto Regional Argentino y la Natural Salida de Bolívia al Mar" (Estratégia 30-Set-Out 1974) Focaliza a significância geopolítica da Bolívia. Propõe uma saída boliviana para o Atlântico (sua "saída natural"), via Rio Bermejo, sob os auspícios de Argentina, como u'a maneira de conter a expansão brasileira na Bolívia.

_____ "Análisis Comparativo: Argentina y Brasil en el Espacio Geoeconómico del Cone Sur" (Estratégia 31-32 — Nov 1974 — Fev 1975). Avaliação do expansionismo brasileiro da bacia do Rio da Prata.

BRIANO, J.T., "Geopolítica y Geoestratégia Americana" (Buenos Aires, Editorial Pleamar, 1966) Argumenta que a Argentina será a maior força moral, econômica e política do mundo no século XXI.

CAMILLO N. OSCAR, "Relaciones Argentino-Brasileñas" (Estratégia 21-Mar-Abr 1973). Análise geopolítica das relações Brasil-Argentina em termos dos

efeitos do "eixo" Brasil-EUA. Assinala que muitos dos problemas da Argentina são gerados por ela própria.

CERESOLE, NORBERTO, "Geopolítica de Liberación" (Buenos Aires, Editorial Corregidor, 1972) Sustenta que a grandeza da Argentina encontra-se na liderança de um movimento de integração latino-americano para deter a expansão do Brasil-EUA. Desde que o Atlântico acha-se sob o domínio da aliança brasileira com os norte-americanos, a Argentina deve integrar-se com os países do Pacífico.

CIRIGLIANO, GUSTAVO, "La Argentina Triangular" (Buenos Aires, Editorial Humanitas, 1975). Apresenta uma visão da liderança argentina no Cone Sul independente de influência norte-americana. Refere-se ao desenvolvimento do "triângulo" do Cone Sul ao longo de três eixos controlados pela Argentina: "Eixo Ribeirinho" (Rio da Prata), "Eixo Andino" (Noroeste da Argentina, Chile e Peru) e o "Eixo Sul" (Estreito de Magalhães, Malvinas e Antártica). Culpa a exploração da Grã-Bretanha e dos EUA pelo fracasso do movimento passado em prol da grandeza argentina.

CONSENTINO, BENJAMINO, Capitão-de-Fragata, "El Valor Estratégico de las Islas Malvinas" (Estratégia 6-Mar-Abr 1970). Análise geopolítica, histórica e estratégica da importância das Ilhas Malvinas do Atlântico Sul.

DE HOYOS, RUBÉN J., da Universidade de Wisconsin, EUA, "Geopolítica Sul-Americana e o Desenvolvimento Hidrelétrico da Bacia do Rio da Prata" (Ensaio produzido para a Associação Internacional de Ciências Políticas, Edinburgo, 1976). Imaginativa análise das implicações geopolíticas dos projetos internacionais em desenvolvimento na bacia do Rio da Prata. Prevê como resultado final maior cooperação, mas com crescentes possibilidades de conflito.

DIAZ BESSONE, RAMÓN G., General, "Proyecto Nacional - Documento de Trabajo" (Buenos Aires, Imprensa Oficial, 1973). Maior afirmação dos objetivos nacionais argentinos e programas de desenvolvimento em curso no Ministério de Planejamento da Argentina. Defende o consenso nacional argentino de seu desenvolvimento e destinação em termos de integração sul-americana.

DIAZ LOZA, FLORENTINO, Coronel, "Geopolítica del Brasil" (Estratégia 29, Jul-Ago 1974). Análise crítica da geopolítica brasileira sob o ponto de vista nacionalista argentino. Retrata o Brasil com "subimperialista" e subserviente aos interesses norte-americanos.

FERNANDEZ CENDOYA, ANDRÉS, "Ideas Geopolíticas del General Augusto Pinochet" (Estratégia 24, Set-Out 1973). Severa crítica dos trabalhos sobre geopolítica, escritos pelo presidente chileno Pinochet.

_____ "Una Nueva Guerra del Pacífico" (Estratégia 27, Mar-Abr 1974). Análise geopolítica das tensões correntes que podem levar a uma nova Guerra do Pacífico. Vê a Bolívia como um títere do Brasil em sua arrancada expansionista para Oeste rumo ao Pacífico. Prediz a emergência de duas grandes "alianças geopolíticas": Brasil-Chile e Argentina-Peru.

GÓMEZ RUEDA, HÉCTOR, "Realidad Geopolítica Mundial y Argentina" (Mendoza, Universidad Nacional de Cuyo, 1969). Debate a grandeza e liderança geopolítica argentinas por meio de integração com os vizinhos.

GUALCO, JORGE NELSON, "Cone Sur: elección de un destino" (Buenos Aires, Fabril Editor, 1972). Planifica a integração do Cone Sul (excluído o Brasil) sob a liderança argentina. O modelo desenvolvimentista brasileiro é rejeitado por ser considerado neo-capitalista e subserviente aos Estados Unidos.

GUGLIALMELLI, JUAN E., General, "Argentina Frente al Operativo Misiones del Brasil" (Estratégia 19-20, Nov 1972-Fev 1973). Ataca as idéias geopolíticas de Travassos. Advoga o ativismo argentino para conter o expansionismo brasileiro no Nordeste da Argentina (as "Misiones Ofensiva").

_____, "Itaipu - Corpus" (Estratégia 33, Mar-Abr 1975). Alega que o real significado do projeto hidrelétrico de Itaipu-Corpus é o expansionismo brasileiro pela bacia do Rio da Prata.

_____, "Análisis del Acuerdo Nuclear Brasileño-Alemán" (Estratégia 34-35, Mai-Ago 1973). Expressa a preocupação argentina relativa ao acordo nuclear Brasil-Alemanha.

_____, "Argentina-Brasil: enfrentamiento o alianza para liberación" (Estratégia 36, Set-Out 1975). Análise geopolítica da rivalidade argentino-brasileira. Sugere uma "aliança para libertação", como alternativa, se o Brasil desejar romper os laços estreitos com os Estados Unidos.

_____, "Argentina: política nacional y política de fronteras" (Estratégia 37-30, Nov 1975-Fev 1976). Aplicação da teoria geopolítica de fronteiras aos problemas fronteiriços da Argentina.

_____, "El Destino Manifesto Brasileño en el Atlántico Sur" (Estratégia 39, Mar-Abr 1976). Análise crítica do pensamento geopolítico de Golbery. Considera a aliança Brasil-EUA como ameaça à Argentina.

KOZLOWSKI, T.A., "Nuevos Potenciales en la Política Mundial" (Buenos Aires, Editorial Pleamar, 1967). Perspectiva geopolítica global, somente com limitado material acerca da América Latina e da Argentina.

LUCCHINI, ADALBERTO P., "Geopolítica del Cone Sur": la Cuenca de la Plata" (Buenos Aires, Juárez Editora, 1971). Análise técnica dos projetos hidrelétricos do Cone Sul. Afirma que se as nações latinas envolvidas não assumirem a liderança, os projetos serão manipulados por outros.

MACHICOTE, EDUARD, "La Expansión Brasileña" (Buenos Aires, Ciencia Nueva, 1973). Obra extremamente anti-brasileira. Ataca as idéias de Golbery como estando a serviço dos objetivos imperialistas dos EUA.

MASTRORILLI, CARLOS P., "Una Actualización de la Doctrina Golbery" (Estratégia 39, Mar-Abr 1976). Forte crítica dos trabalhos geopolíticos de Meira Mattos. Classifica o Brasil como aliado "subimperial" dos Estados Unidos.

MILIA, FERNANDO A., CMG, "Estrategia y Poder Militar" (Buenos Aires, Instituto de Publicaciones Navales, 1965). Equilibrada análise geopolítica, sob ótica predominantemente marítima. A Argentina é encarada como nação insular e marítima com papel chave a desempenhar no Atlântico Sul, especialmente se o Canal do Panamá for fechado.

MONETA, CARLOS JUAN, "Antártica Argentina: los problemas de 1975-1990" (Estrategia 31-32, Nov 1974-Fev 1975). Visão retrospectiva genérica dos interesses geopolíticos argentinos na Antártica; adverte que estes interesses estão ameaçados por outras potências, principalmente pelos EUA e URSS.

PIÑEIRO, ARMANDO ALONSO, "El Equilibrio Geopolítico Sudamericano" (Estrategia 30, Set-Out 74). Expressão de alarme sobre a expansão brasileira nos estados tampões (Bolívia e Paraguai). Levanta a tese de que a Argentina deve assumir a liderança da comunidade hispano-americana para equilibrar a aliança Brasil-EUA.

RÄTTENBACH, AUGUSTO B, Coronel, "Estados Unidos y la Venta de Armas a América Latina" (Estrategia 28, Mai-Jun 1974), Analisa a venda de armas à América Latina pelos EUA como sendo uma ferramenta da penetração imperialista, em sociedade com o Brasil.

ROJAS, ISASC F., Almirante, "Interesses Argentinos en la Cuenca del Plata" (Buenos Aires, Ediciones Librería, 1974). Alerta dos perigos de projetos hidrelétricos e expansão brasileiros na bacia do Rio da Prata. Conclama a Argentina a tirar vantagem de seu potencial hidrelétrico inaproveitado em face da crise de energia. Argumenta que o projeto de Itaipu (Brasil-Paraguai) requer prévio consentimento argentino devido ao impacto no projeto de Corpus rio abaixo. Exposição bem justificada e, de um modo geral, positiva, feita por um almirante reformado argentino que foi vice-presidente do país após a queda de Perón em 1955.

SEGUNDO SILONI, ROLAND, Vice-Comodoro, "La Diplomacia Luso-Brasileña en la Cuenca del Plata" (Buenos Aires, Editorial Rioplatense, 1975). Análise histórica e geopolítica de expansão luso-brasileira na bacia do Rio da Prata.

STORNI, SEGUNDO, Almirante, "Interesses Argentinos en el Mar" (Buenos Aires, Moen, 1916). Expressão bastante clara do interesse argentino no mar.

URIBURU, EDUARDO, JUAN, General, "El Plan Europa, el Ejército y su Contribución a la Estrategia del Desarrollo" (Estrategia 2, Jul-Ago 1969). Explicação e análise do "Plano Europa" argentino que visava a redução da excessiva dependência de armas norte-americanas.

VENERONI, HORÁCIO, "Los Estados Unidos y las Fuerzas Armadas de América Latina" (Buenos Aires, Editorial Periferia, 1971). Afirma que os Estados Unidos controla o poder militar da América Latina por um relacionamento de dependência.

VILLEGAS, OSIRIS GUILLERMO, General, "Políticas y Estrategias por el Desarrollo y la Seguridad Nacional" (Buenos Aires, Círculo Militar, 1970). Proveitosa análise geopolítica, estratégica e política de situação argentina no final dos

anos 60. Revela preocupação da Argentina falhar em desenvolver e atingir seu completo potencial.

PENSAMENTO GEOPOLÍTICO CHILENO

Como o próprio Pinochet assinalou (e lamentou), não há "escola" geopolítica chilena, embora haja no país considerável interesse pelas idéias geopolíticas. Os focos de geopolítica do Chile são: proteção dos ganhos territoriais obtidos na Guerra do Pacífico (1879-1883); arranco para tornar-se a potência marítima do Pacífico Sul; controle do Estreito de Magalhães e do Cabo Horn; e interesse na Antártica.

A influência de escola alemã de geopolítica é mais forte no Chile do que em qualquer outra nação latino-americana, fato que não constitui surpresa, levando-se em conta o impacto ocasionado pela imigração germânica e pela missão militar prussiana no finado século dezenove. Os escritores geopolíticos chilenos dão ênfase especial à concepção arraigada de Ratzel do estado como um organismo vivo, lutando para sobreviver em um mundo onde o direito é ditado pela força. Como Pinochet declara, "não interessa quanto se gostaria de pensar na lei como um elemento equalizador entre as várias categorias de nações, quando se enfrenta a dura realidade é o país mais forte (militar, econômica, demográfica ou diplomaticamente) que leva vantagem nos litígios fronteiriços. Disto tem-se vários exemplos na América do Sul".⁽²³⁾ Ou, como outro autor chileno assevera, ainda mais incisivamente: "Um país artificial não tem direito a sobreviver."⁽²⁴⁾

Um tema a que sistematicamente o pensamento geopolítico chileno recorre é a análise da Guerra do Pacífico (1879-83). O conceito orgânico do estado e de suas implicações operacionais inserido nas citações anteriores tem se mostrado compatível com as posições diplomáticas assumidas pelo Chile na Guerra do Pacífico e na questão da saída boliviana para o mar. Como Pinochet explica a situação: "A falta de clareza na delimitação dos Estados após a independência da América e, posteriormente, a grande negligência de parte do Chile, permitiu à Bolívia atingir a Costa do Pacífico em detrimento do litoral chileno. Em 1879, a Guerra do Pacífico possibilitou ao Chile recuperar o litoral que lhe pertencia. A Bolívia, como estado mediterrâneo, recebeu amplas facilidades do Chile."⁽²⁵⁾

A geopolítica chilena revela forte orientação marítima, especialmente em termos de projeção do poder no Pacífico Sul, do controle do Estreito de Magalhães e da sua soberania no setor reivindicado na Antártica. Tal obsessão pelo Pacífico alcançou o auge com a proclamação de um diplomata chileno, em 1887, de que aquele oceano devia ser um "lago do Chile".⁽²⁶⁾ O General Cañas Montalva, editor da "Revista Geopolítica de Chile", tem firmemente enfatizado o perigo para o Chile resultante de negligenciar com respeito à sua destinação de potência do Pacífico Sul, descuido este que constitui um convite para outras nações (principalmente a Argentina) preencherem tal vácuo. Cañas Montalva antevê a grandeza futura do Chile associada a um privilegiada posição com saída para ambos os oceanos e domi-

nando o Estreito de Magalhães, as passagens de Drake e Beagle, a Antártica, além da posse das Ilhas de Páscoa e de Juan Fernandez. A grandeza regional do Chile transformar-se-á em mundial, segundo Cañas Montalva, quando o "centro de gravidade do mundo" transferir-se do Mediterrâneo para o Atlântico e o Pacífico.⁽²⁷⁾

Não existe um periódico chileno, especializado em divulgar o pensamento geopolítico do país, apesar da "Revista Geográfica de Chile" vir servindo como o principal veículo para o aspecto marítimo da geopolítica do Chile.

BUNSTER, ENRIQUE, "Penetración de Chile en el Pacífico" (Mar, Valparaíso, 22, nº 139, Jan 1951) Lamenta o fato que o Chile tenha desviado a atenção dada ao Pacífico no século dezanove.

CAÑAS MONTALVA, RAMÓN, General, "Reflexiones Geopolíticas" (Revista Geográfica de Chile, 1, nº 1, Set 1948). Desenvolve sua tese básica acerca da grandeza futura do Chile em termos do potencial geopolítico da nação na área do Pacífico Sul e no pressuposto de uma mudança histórico-geopolítica do Mediterrâneo para o Atlântico e agora para o Pacífico.

_____ "Estruturación Geográfica de América" (Revista Geográfica de Chile 2, nº 2, Dez 1949). Emprega conceito geopolíticos para argumentar em favor de uma "Confederação do Pacífico (Chile, Peru, Bolívia, Equador) à semelhança da comunidade do Atlântico Norte. Devido à sua favorecida posição geopolítica, o Chile seria o líder natural desta confederação.

_____ "Chile el más Antártico de los Países del Orge y su Responsabilidad Continental em el Sur Pacífico" (Revista Geográfica de Chile 4, nº 1, Out 1950). Discute a "continuidade" do território chileno do continente sul-americano para a Antártica. Esta região, junto com o Pacífico Sul, está destinada a tornar-se um dos "epicentros da Nova Era."

_____ "El Valor Geopolítico de la Posición Antártica de Chile" (Revista Geográfica de Chile 6, nº 9, Jun 1953). Suspeita das intenções geopolíticas argentinas no Pacífico Sul e na Antártica.

_____ "Chile en el Pacífico, Argentina en el Atlántico - Factores de Estabilidad Continental" (Revista Geográfica de Chile 14, 1956-57). Defende a adoção de "esferas de influência geopolítica", dando à Argentina predominância no Atlântico Sul e, ao Chile no Pacífico Sul.

CERECEDA, DOMINGO, "Los Imperativos Geopolíticos de Chile" (Santiago, Editorial Universitaria, 1962). Abordagem mais econômica do que geopolítica; sustenta que para o Chile desenvolver-se precisa romper os laços de dependência com os Estados Unidos e integrar-se com a América Latina.

CHAVES, VICTOR, Tenente-Coronel, "Chile y el Pacífico Sur" (Estrategia 31-32, Nov 1974-Fev 1975). Ecos das teses geopolíticas de Cañas Montalvas sobre o Chile como potência do Pacífico Sul.

BIL CLERICUS, PABLO, "El Pacífico, Mar de Nuestro Destino" (Revista Geográfica de Chile 6, Abr 1952). Traça as raízes históricas do destino geopolítico

do Chile como potência do Pacífico Sul. Acentua o tema que no século dezenove o Pacífico Sul era um "Mar Chileno".

_____ "Línea Geopolítica de Chile" (Revista Geográfica de Chile 6, nº 8 Feb 1953). Divide o mundo geopoliticamente em um hemisfério Norte "continental", em disputa pelo EUA e URSS, e um hemisfério Sul "oceânico", que pode isolando-se do confronto Estados Unidos-União Soviética, bem como de seus avanços imperialistas gêmeos. O Chile, conclui o autor, tem grande potencial geopolítico no hemisfério "oceânico".

LASTARRIA SERVAT, MIGUEL, "El Espacion Vital" (Santiago, Simiente, 1944). Tratado mais teórico e legalistas sobre o "Iobensraum" (espaço vital). Conclui que "um país artificial não tem direito de viver".

MARULL, FEDERICO, "Introducción a la Geopolítica" (Santiago, Universidad Nacional de Chile, 1972). Breve monografia devotada primordialmente à considerações do pensamento geopolítico clássico. Inclui uma curta parte que lamenta a inexistência de uma escola bem definida do pensamento geopolítico chileno e pugna pelo ensino de geopolítica nas universidades chilenas. Adverte a respeito do movimento geopolítico argentino em direção ao Pacífico, via Antártica e o Estreito de Magalhães.

_____ "Bases para uma Geopolítica Chilena" (Santiago, Universidad Nacional de Chile, 1974) Mostra a necessidade de um "Mar Chileno" abrangendo o Pacífico Sul para além de Ilha de Páscoa. Não se trata de uma reivindicação de soberania, mas de uma concepção ecológica e geopolítica.

PINOCHET UGART, AUGUST, General - President, "Geopolítica" (Santiago, Editorial Andrés Bello, 1974). A maior parte deste trabalho dedica-se à apresentação dos conceitos clássicos de geopolítica, com ênfase na teoria do estado como organismo vivo. Oferece uma explicação geopolítica para a Guerra do Pacífico: O Chile estava forte; o Peru e a Bolívia achavam-se debilitados; o Chile meramente recuperou territórios que por direito lhe pertenciam.

RODRIGUEZ, GREGÓRIO, Tenente-Coronel, "La Geopolítica y sus Teorias" (Santiago, Academia de Guerra del Ejército, 1950). Explora a teoria geopolítica do estado como organismo vivo. Declara que a destinação geopolítica do Chile reside não no Leste, onde se sente bloqueado pela Argentina, mas no Oeste e Sul. O Pacífico Sul é visto como um centro emergente de poder mundial.

PENSAMENTO GEOPOLÍTICO BOLÍVIANO

O pensamento geopolítico boliviano, especialmente o de seu maior formulador, Alípio Valencia Vega, reflete a infeliz experiência internacional daquele país e concentra-se na saída para o mar, na recuperação das terras perdidas para o Chile e na necessidade de ocupar efetivamente todo o território nacional da Bolívia a fim de evitar mais desintegrações. As idéias geopolíticas desenvolvidas na Bolívia fazem interessante uso da "teoria do coração do mundo" de Mackinder, argumentando

que aquele país está no centro da América do Sul e que seu desmembramento no passado se verificou por sua incapacidade para dominar tal área em face da agressão dos vizinhos.⁽²⁸⁾ Ao contrário das três nações precedentes, a Bolívia não produziu qualquer literatura sistematizada acerca de Geopolítica nem tem um periódico especializado no assunto. Trabalhos de natureza geopolítica são poucos e esporádicos. No princípio de 1977, surgiram notícias na imprensa referindo-se a um "Instituto Boliviano de Estudios Geopolíticos", o qual era citado como editor de um documento geopolítico expressando preocupação com os objetivos expansionistas do Brasil e do Paraguai em território boliviano.

PRUDENCIO, ROBERTO, "El Problema Geopolítico de Bolívia (La Paz, Bolívia, Editorial de la Universidad Mayor de San Andrés, 1951). Argumentação nacionalista boliviana em favor de uma saída para o mar.

VALENCIA VEGA, ALÍPIO, "Geopolítica em Bolívia" (La Paz, Bolívia, Libreria Juventud, 1965). A primeira metade deste livro é um tratado padrão dos conceitos básicos geopolíticos. Na segunda o autor aplica tais princípios ao problema específico do desmembramento da Bolívia pelas mãos de seus vizinhos. Emprego utilíssimo de geopolítica do "coração do mundo".

_____, "Geopolítica del Litoral Boliviano" (La Paz, Bolívia, Libreria Juventud, 1974). Extensos e solidamente fundamentados argumentos históricos, econômicos e geopolíticos em prol de uma saída boliviana para o mar. Conclui que o progresso da América Latina depende da sua integração e que, se a Bolívia participar desta, precisa ter uma saída para o mar.

PENSAMENTO GEOPOLÍTICO PERUANO

Pareceria razoável existir no Peru uma forte escola geopolítica, à luz da influência do "Centro de Altos Estudios Militares" (CAEM) e do papel desempenhado desde o golpe de 1968 pelos militares peruanos. Mas os militares peruanos concentraram suas atenções mais nas questões sócio-econômicas do que nas estratégicas ou de segurança, e, portanto, há poucas obras peruanas que possam ser consideradas de geopolítica ou estratégia. A maior preocupação geopolítica tem sido a "marcha para la Selva" — uma arremetida para Leste a fim de explorar a região peruana da bacia amazônica,⁽³⁾ mas não envolveu os recursos nem obteve o sucesso do esforço brasileiro realizado em contrapartida na mesma área. Outras inquietações geopolíticas dizem respeito a Guerra do Pacífico e ao conflito fronteiriço com o Equador.

BENAVIDES CORREA, ALFONSO, "Antiguo y Nuevo Peru: esquema para una interpretación geopolítica" (Revista de América, Colômbia, Jul-Ago 1948). Lança mão de argumentos geopolíticos para dar respaldo à orientação pacifista peruana. Aparece ser uma resposta às acusações equatorianas de agressão peruana.

MENESES, RÓMULO, "Tres Ensayos de Geopolítica Indoamericana". (Lima Ediciones Continente, 1963). Faz uso da geopolítica, arqueologia e história para apresentar a civilização pré-colombiana Tiahuanaco como o antigo "heartland"

da América do Sul. Defende a "aliança indo-americana" do Peru com a Bolívia contra o Chile, a fim de reconquistar uma saída boliviana para o mar.

MERCADO JARRÍN, EDGARD, General, "La Política Nacional Y la Estrategia Militar en el Peru" (Estrategia 27, Mar-Abr 1974). Tece algumas considerações acerca dos interesses geopolíticos do Peru na Amazônia.

ROMERO, EMÍLIO, "El Pacífico Sur, Mar de Chile y Peru: Interpretación Geopolítica" (Revista Geográfica de Chile 9, Jun, 1953). Sugere uma aproximação, em termos cooperativos, do Peru com o Chile em benefício da geopolítica do Pacífico Sul.

PENSAMENTO GEOPOLÍTICO EQUATORIANO

O aspecto mais interessante identificado foi o emprego de idéias geopolíticas para apoiar as reivindicações equatorianas de territórios perdidos para o Peru na Amazônia. Tais obras tendem a ser bombásticas e polêmicas.

LARREA ALBA, LUÍS, General, "La Defensa del Estado" (Quito, Casa de la Cultura, 1972) Análise dos elementos que constituem o poder nacional, incluindo um capítulo sobre "Estrategia Geopolítica."

NAVARRO ANDRADE, ULIPIANO, "El Determinismo Geográfico" (Quito, Talleres Gráficos de Ecuador, 1957). Tratado geral de geopolítica clássica.

VILLACRÉS MOSCOSO, JORGE, "La Gran Via Interoceánica Ecuatoriana a Través del Amazonas: estudio geopolítico (Guayaquil, Ecuador, 1952). Argumento geopolítico para recuperação dos territórios e do "status" de potência amazônica perdidos pelo Equador. Alega que um "insaciável expansionismo imperialista" deu ao Peru a rota interoceânica do Amazonas, que por direito pertence ao Equador.

_____ "Geopolítica del Mundo Tropical Sudamericano" (Guayaquil, Ecuador, Imprenta de la Universidad, 1963). Obra polêmica que utiliza conceitos geopolíticos para defender a recuperação dos territórios perdidos na Amazônia.

PENSAMENTO GEOPOLÍTICO COLOMBIANO

Somente um autor (Londoño) identifica-se. Seus escritos tendem a ser mais de geografia política do que geopolíticos, revelam-se equilibrados e não polêmicos, sem qualquer conteúdo que possa ter significativo impacto, atualmente, nas relações externas da Colômbia.

LONDOÑO, JÚLIO, General, "Suramérica o la Geografía Como Destino" (Bogotá, Imprenta del Ministerio de Guerra, 1948). Considera as características geopolíticas e culturais de cada nação sul-americana, apreciando os problemas de fronteiras e fontes de possíveis conflitos.

_____ "Nueva Geopolítica de Colombia" (Bogotá, Imprenta de las Fuerzas Armadas, 1964?) É mais um estudo de geografia política da Colômbia do que

de geopolítica. Contém farta matéria sobre limites, recursos naturais e meios de comunicações.

_____ "Geopolítica del Caribe" (Bogotá, Imprenta de las Fuerzas Armadas, 1973). Versa sobre a geografia política da área.

PENSAMENTO GEOPOLÍTICO URUGUAIO

Dois autores ocupam-se de geopolítica no Uruguai. Ambos vêem o Uruguai desempenhando importante papel como tampão entre a Argentina e o Brasil. Valem-se das ferramentas geopolíticas e da análise de dependência para atacar o que classificam como imperialismo brasileiro-norte-americano.

METHOL FERRÉ, ALBERTO, "Geopolítica del Cuenca del Plata" (Buenos Aires, Editorial Pena Lilla, 1973). Autor uruguaio que apresenta o seu país como estando em crise sob a pressão da hegemonia do Brasil-EUA em expansão na bacia do Rio de Prata. Declara que a Argentina deve resistir a esta pressão, mas não pode enfrentar a aliança brasileiro-norte-americana sem o apoio das nações do litoral do Pacífico.

TRIAS, VIVIÁN, "Imperialismo y Geopolítica en América Latina" (Buenos Aires, Editorial Jorge Álvarez, 1969). O autor é secretário-geral do Partido Socialista Uruguaio. O livro é uma análise de teoria de dependência do imperialismo norte-americano e do "subimperialismo" brasileiro. Sustenta que primeiro a Grã-Bretanha e agora os EUA têm mantido a América Latina dividida (e portanto mais fácil para explorar), estimulando a rivalidade Brasil-Argentina.

PENSAMENTO GEOPOLÍTICO CENTRO-AMERICANO

Vários escritores centro-americanos têm se valido de temas geopolíticos para lutar pela unidade da América Central, como consequência lógica das realidades estratégica e geopolítica.⁽³¹⁾ Este pensamento domina, em particular, o movimento para criar e apoiar o Conselho de Defesa Centro-Americano (CONDECA).⁽³²⁾

HERNÁNDEZ MÉNDEZ, JORGE, Coronel, "Geopolítica" (Tegucigalpa, Honduras, Fuerzas Armadas de Honduras, 1960). Apóia a união política e econômica da América Central para fortificar-se diante da latente dominação dos Estados Unidos e México.

_____ "Estudio Geoestratégico del Istmo Centro-Americano" (Guatemala, Imprenta del Ministerio de Defensa, 1967). Mostra a necessidade do Conselho de Defesa Centro-Americano (CONDECA) para opor-se à subversão inspirada por Castro.

_____ "Geopolítica — Áreas Estratégicas del Continente Americano" (Guatemala, Imprenta del Ministerio de Defensa, 1969). Basicamente apresenta o mesmo tema contido nas duas fontes de consulta previamente referenciadas.

JEFES DE ESTADO-MAYOR DE CENTRO AMÉRICA (Primera Reunión de Jefes de Estado-Mayor del Istmo Centro-Americano, Guatemala, 1961). Documento oficial da primeira reunião de chefes de estado-maior das nações centro-americanas. Contém breve análise da situação geopolítica das nações da América Central.

RUIZ GARCIA, ENRIQUE, Coronel, "Ensayo Geopolítico de Centro América" (Guatemala, Ministério de Educación Pública, 1961). Tratado versando mais sobre relações internacionais do que geopolítica, apresenta algumas análises de geografia política da América Central, mas o capítulo maior é dedicado à defesa das reivindicações guatemaltecas sobre Belize.

PENSAMENTO GEOPOLÍTICO MEXICANO

Considerando a massa de publicações editadas pela imprensa mexicana, as obras que tratam de geopolítica são mínimas. Se algum tema puder ser identificado, é a condenação da geopolítica como uma "pseudo ciência fascista". Tema menos significativo do pensamento geopolítico mexicano relaciona-se com a necessidade do México exercer a liderança geopolítica sobre os países divididos na América Central.

ESCALONA RAMOS, ALBERTO, "Geopolítica Mundial y Geoeconomía" (México, Editorial Ateneo, 1959). Tratado geral de geopolítica. Possui um apêndice sobre "Geopolítica do México", no qual argumenta que o México ocupa posição geopolítica importante. Julga o Istmo de Tehuantepec de maior significância geopolítica e sugere que a capital daquele país deveria ser transferida para lá.

LAVIN, JOSÉ D., "Geografía Mexicana (geopolítica) (México, Editorial América Nueva, 1959). Avalia o impacto da tecnologia na geografia política. Tece algumas considerações a respeito da necessidade de um mar de 200 milhas a fim de preservar a soberania mexicana.

MIRAVITLES, JAIME. "Geografía contra Geopolítica" (México, Editorial Prometeo, 1945). O autor é catalão refugiado da Guerra Civil Espanhola. O livro resume-se num severo ataque contra a escola alemã de geopolítica. Seu propósito declarado é combater a geopolítica ("criação do homem") com a geografia (criação de Deus").

OJEDA, MÁRIO, "La realidad Geopolítica de Mexico" (Foro Internacional 17, Jul-Set 1976). Trabalho mais de relações internacionais do que de geopolítica. Considera que o fato básico geopolítico da vida mexicana é sua proximidade dos Estados Unidos. Conclui que o valor estratégico do México para os EUA (e sua capacidade de tirar proveito disto) aumenta em tempo de crise.

URIBE VILLEGAS, OSCAR, "Causación Social y Vida Internacional" (México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1958). Abordagem sociológica de geopolítica e relações internacionais. Tem um capítulo sobre "Geopolítica e Relações Internacionais", no qual critica asperamente a pseudo ciência geopolí-

tica. Apresenta determinadas considerações sobre o México e a América Central como "ponte" geopolítica entre a América Latina e a anglosaxônica.

VIVO, JORGE A., "La Geopolítica" (México, El Colégio de México, 1943).

Justifica uma unidade geopolítica da América Central sob a liderança mexicana.

CONCLUSÃO

Talvez devido ao estigma conferido à escola alemã pela II Guerra Mundial, o pensamento e a literatura geopolítica na América Latina são mal interpretados e analisados erroneamente pelos estudiosos contemporâneos do assunto. Acresça-se à confusão o fato de que muitos trabalhos que tratam de geopolítica não sejam facilmente identificáveis como tal, enquanto vários outros intitulados de "geopolíticos" constituam pouco mais do que interpretações de questões correntes político-militares ou de estratégia.

Contudo, um cuidadoso estudo do pensamento geopolítico contemporâneo na América Latina é importante pelas inúmeras razões apontadas nesta pesquisa bibliográfica:

(1) A geopolítica abre uma "janela" para o pensamento e uma série de elucubrações de um núcleo politicamente significante de militares e estrategistas latino-americanos. Geopolítica é levada a sério por muitos destes indivíduos e fornece aos observador externo valiosas introspecções sobre como encaram os papéis por eles desempenhados, sentem suas nações, o mundo exterior e as relações internacionais em geral;

(2) Quando operacionalizado por um governo cujos os líderes principais raciocinem nestes termos, a geopolítica pode oferecer uma explicação consistente para seus esquemas de desenvolvimento nacional, integração territorial e relacionamento com os vizinhos.



O Ten Cel John Child, do Exército dos EUA, é especialista em Área Estrangeira (América Latina) e membro do corpo docente do Colégio Interamericano de Defesa (Washington, DC). Bacharelou-se pela Universidade de Yale e obteve o título de Doutor em Relações Internacionais da América Latina, da Universidade Americana. Seus diversos trabalhos têm enfocado questões estratégicas e geopolíticas do Hemisfério, citando-se entre eles o livro recentemente publicado intitulado "Unequal Alliance: The Inter-American Military System, 1938-1978". É adjunto de professor de Relações Internacionais da Universidade Americana, onde ministra o curso "Conflito e a Manutenção de Paz na América Latina".

(3) No Cone Sul, em particular o predomínio do pensamento geopolítico sugere uma moldura de referência para explicar algumas das rivalidades internacionais duradouras que persistem nesta área.

Entre os maiores conceitos geopolíticos que devem ser considerados figura a visão fundamental orgânica do estado como um ser vivo que deve expandir-se e projetar-se para fora, de modo a que possa subsistir. Esta visão orgânica acha expressão interna na arrancada para ocupar completa e efetivamente toda a extensão geográfica da nação. Para as grandes nações há também uma expressão externa que envolve a projeção de poder e influência sobre os estados mais fracos em rivalidade com outras nações maiores. Assim, constata-se uma divisão entre o que pode ser chamado "geopolítica interna" (esquemas para desenvolvimento interno, combinação de "segurança interna" com o "desenvolvimento interno", total integração de longínquas partes de território nacional, etc.), e "geopolítica externa" (projeção internacional de poder, decisão pela força de problemas de fronteiras, pressões sobre estados tampões, etc.). Quase por definição, é a segunda categoria de pensamento geopolítico que traz consigo um grande potencial para desentendimentos e conflitos. Outra distinção bastante útil é a feita entre o pensamento geopolítico ativo e reativo. O pensamento geopolítico ativo é rapidamente operacionalizado em programas positivos de colonização, desenvolvimento nacional e movimentos impetuosos na área internacional, enquanto o de aspecto reativo diz mais respeito a descobrir explicações conspiratórias ou ameaçadoras para as ações agressivas de vizinhos mais audaciosos.

Esta pesquisa indica a existência de duas "escolas" de geopolítica bem estruturadas na América Latina, (a brasileira e a argentina), com fortes correntes também num terceiro país (Chile). As idéias geopolíticas, com uma variedade de temas, são encontradas da mesma forma na literatura divulgada em vários outros países latino-americanos. Pode-se concluir, portanto, que a conscientização das implicações e do campo do pensamento geopolítico na América Latina, particularmente, no Cone Sul, pode constituir-se numa proveitosa ferramenta para compreensão e explicação das idéias defendidas pelos líderes nacionais e suas preocupações com o desenvolvimento interno e projeção externa de influência e poder.

NOTAS

1. Robert Strausz-Hupé, "Geopolitics: The Struggle for Space and Power (New York, G. P. Putnam's Son, 1942), pp. VIII-IX
2. Mário Travassos, "Projeção Continental do Brasil" (Rio de Janeiro, Editorial Brasiliense, 1938).
3. General Juan E. Guglielmelli, (argentino) "Argentina Frente al "Operativo Misiones del Brasil" (Estratégia 19-20, Nov 1972-Fev 1973), pp. 7-8.
4. General Golbery do Couto e Silva, "Geopolítica do Brasil" (Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1967), pp. 137-38.

5. Terezinha de Castro, "Antártica — Assunto do Momento" (Revista do Clube Militar, 1958).
6. Contra-Almirante Paulo Freitas, (brasileiro), "Uso del Mar" (Estratégia 34-35, Mar-Ago 1975).
7. General Carlos de Meira Mattos, "Brasil-Geopolítica e Destino" (Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1975) pp. 74-76.
8. Coronel Jorge E. Atencio, "Que es la Geopolítica?" (Buenos Aires, Editorial Pleamar, 1965), p. 125.
9. General Juan E. Guglielmelli, "Argentina-Brasil: enfrentamiento o alianza para liberación" (Estratégia 36, Set-Out 1975).
10. Ibid p. 14.
11. Tenente-Coronel Florentino Diaz Loza, "Geopolítica del Brasil" (Estratégia 29, Jul-Ago 1974), p. 35.
12. Guglielmelli, "Argentina Frente . . .", p. 7.
13. Júlio E. Sanguinetti, "Geopolítica del Cuenca del Plata", (Estratégia 19-20, Nov. 1972-Fev 1973) pp. 72-76.
14. Ibid, p. 73.
15. T.A. Koslowski, "Nuevos Potenciales en la Política Mundial" (Buenos Aires, Editorial Pleamar, 1967), p. 60.
16. Coronel Augusto B. Ratlenback, "Estados Unidos y la Vesta de Armas a América Latina" (Estratégia 28, Mai-Jun 1974), p. 85.
17. General Juan E. Guglielmelli, "Argentina-Brasil: enfrentamiento . . ."
18. Walter M. Daniels, ed., "Latin América in the Cold War" (The Reference Shelf, vol. 24, nº 6, New York, H. W. Wilson Co., 1962), pp. 126-27.
19. General Augusto Pinochet Ugarte, "Geopolítica" (Santiago, Chile, Editorial Andrés Bello, 1974), pp. 63-64.
20. Entrevista com general argentino, Washington, D. C., 1 Set 1976.
21. A. Bianchi, "Análisis del Valor Estratégico del Atlántico Sur", (Estratégia 34-35, Mai-Ago 1975).
22. General Juan E. Guglielmelli, "Análisis del Acuerdo Nuclear Brasileño — Aléman" (Estratégia 34-35, Mai-Ago 1975) pp. 40-41.
23. Pinochet, "Geopolítica", p. 165.
24. Miguel Lastarria Servat, "El Espacio Vital" (Santiago, Chile, Editorial Simiento, 1944), p. 135.
25. Pinochet, "Geopolítica", p. 97.

26. Robert N. Barr, "By Reason or Force" (Berkeley, California, University of California Press, 1974), p. 184.
27. General Ramón Cañas Montalva, "Reflexiones Geopolíticas" (Revista Geográfica de Chile, 13, Mai 1955).
28. Alpio Valencia Vega, "Geopolítica en Bolivia" (La Paz, Bolivia, Librería Juventud, 1965).
29. "Foreign Broadcast Information Service", Latin-America (31 Mar 1977) p. H-1, (4 Abr 1977) p. C-1.
30. General Edgardo Mercado Jarrin, "La Política Nacional y Estrategia en el Peru" (Estrategia 27, Mar-Abr 1974) p. 26.
31. Ver, por exemplo, Coronel Jorge Hernández Mendez, "Estudio Estratégico del Istmo Centro-Americano" (Guatemala, Ministerio da Defesa Nacional, 1967).
32. Chefes de Estado-Maior da América Central, "Primeira Reunião de Jefes de Estado-Maior del Istmo Centroamericano (Guatemala, Jefes de Estado-Maior, 1961) pp. 32-33.

Tradução do Cel Art QEMA, PSC Luiz Paulo Macedo Carvalho